

CIÊNCIA

# Estudo define áreas que devem ser conservadas

## Documento faz um diagnóstico ecológico da América Latina

VANESSA DE SÁ  
 da Reportagem Local

O que é mais importante proteger: a Mata Atlântica ou a Floresta Amazônica? Ambos, sem dúvida. Mas, e se os recursos para a conservação de áreas como essas forem limitados? É possível definir "áreas de prioridade" para tais investimentos? Os resultados de um estudo elaborado por especialistas do Banco Mundial (World Bank) e da organização não-governamental WWF (Fundo Mundial para a Natureza) mostram que sim.

"A Conservation Assessment of the Terrestrial Ecoregions of Latin America and the Caribbean" (Valor de Conservação de Ecorregiões da América Latina e Caribe), publicado no final do ano passado, sugere que é possível fazer um diagnóstico "ecológico" das diferentes regiões biológico-geográficas da América Latina e Caribe.

Primeiro, é preciso saber quais são essas áreas. Depois, é necessário "medir" a riqueza biológica de cada uma delas. Finalmente, é preciso determinar quão doente está essa região, quer dizer, quanto ela foi alterada.

O resultado disso, diz o estudo, é a definição das áreas prioritárias, aquelas que "merecem" maior atenção, cuidado, e recursos.

**Ecorregião**

"Quando se pensa em conservação, a primeira coisa que vem à cabeça é a quantidade de espécies de uma região, a biodiversidade", diz Garo Batmanian, diretor-executivo da WWF no Brasil.

Considerar apenas a biodiversidade, diz ele, pode fazer com que algumas regiões sejam mais beneficiadas por recursos do que outras. Um exemplo: a caatinga, mais

"pobre" em espécies do que a Mata Atlântica, seria considerada menos prioritária.

Assim, os especialistas dividiram a América Latina e Caribe em unidades mínimas de conservação, chamadas ecorregiões.

Uma ecorregião é um conjunto de regiões geográficas distintas que compartilha a grande maioria das espécies e tem condições ambientais similares.

"Com a definição dessas áreas, fica mais fácil comparar regiões."

**Riqueza biológica**

Ecorregiões variam de acordo com o número de espécies que contém, chamada de biodiversidade alfa.

Segundo os cientistas, há um outro tipo de biodiversidade, que acreditam ser de grande importância para a adoção de políticas de conservação: a biodiversidade beta. Ela "mede" quanto as espécies variam de acordo com a distância, isto é, como se distribuem ao longo do ambiente.

Algumas ecorregiões têm baixa biodiversidade beta: pode-se viajar centenas de quilômetros dentro dela sem que se veja mudança na fauna e na flora.

A classificação das áreas de acordo com a riqueza biológica também considerou o número de espécies exclusivas daquela região e a raridade de certos fenômenos ecológicos, como a existência de migrações de peixes em diferentes épocas do ano.

Uma área foi considerada bioregionalmente importante se for o único exemplo de um habitat em uma região biológica.

Por exemplo: as restingas de Paranaguá são o único exemplo de uma formação de duna na costa da

América do Sul.

**Grande ameaça**

O grau de ameaça mostra quanto uma área ainda está saudável ou doente. Os pesquisadores adaptaram critérios usados pelo IUCN (União para Conservação Mundial) no seu "livro vermelho" de espécies ameaçadas.

O resultado foi a criação de seis classes: extinta, crítica, ameaçada, vulnerável, relativamente estável e relativamente intacta.

Cada classe varia de acordo com critérios como grau de proteção (presença de áreas de conservação, como parques), a área total que foi perdida e o número de "blocos" que ainda contém o ecossistema original.

Foi considerado ainda o grau de fragmentação de cada ecorregião. Quando uma região é alterada, formam-se pequenos trechos de mata chamados fragmentos. Quanto menores e mais "espalhados" estiverem os fragmentos, mais ameaçada está uma região.

"A biodiversidade é uma função inversa do nível de ameaça", diz Carlos Peres, do Departamento de Ecologia da USP.

Para Batmanian o estudo é fundamental, já que é a primeira vez que se faz um diagnóstico "ecológico" da América Latina e Caribe, "importante para aqueles que têm que tomar a decisão de investir ou não na conservação de uma região". Entretanto diz que houve limitações, "baseadas, em grande parte, nos dados disponíveis para cada ecorregião".

"O cerrado, por exemplo, é visto como uma mancha muito grande porque não há estudos suficientes que nos permitam dividi-lo em ecorregiões menores. Quem conhece o cerrado sabe que há vários cerrados", afirma. Segundo ele, a Amazônia, que foi muito mais estudada, e durante mais tempo, pôde ser dividida em várias ecorregiões, o que facilitou um estudo mais detalhado das áreas, e a classificação das mesmas segundo o grau de ameaça e a riqueza biológica.



Área sujeita a inundação da Floresta Amazônica, uma das 191 ecorregiões da América Latina e do Caribe

## Ecorregiões podem ter graus de ameaça diferentes, diz cientista

da Reportagem Local

O documento deixou de levar em conta que as áreas das ecorregiões podem variar muito, desde 31 km<sup>2</sup>, como o páramo costa-riquenho, até cerca de 2 milhões de km<sup>2</sup>, como o cerrado brasileiro.

E quanto maior a área, maior a diversidade de habitats. Esse é o caso do próprio cerrado, que contém florestas secas, pastos etc. "Como algumas ecorregiões são muito amplas, fica difícil gerar um grau de ameaça único, o que também dificulta uma classificação única para regiões onde o tipo de interferência é heterogêneo", afirma Roberto Cavalcanti, do Departamento de Ecologia da Universidade de Brasília (UnB).

Para Carlos Peres, do Departamento de Ecologia da USP, que participou com Cavalcanti do encontro nos EUA que definiu as áreas prioritárias de conservação, é muito importante definir prioridades, mas algumas considerações devem ser feitas. "Uma área considerada relativamente intacta poderá ter a mesma classificação em 20 anos? Talvez o esforço de conservação seja maior nesse tempo.

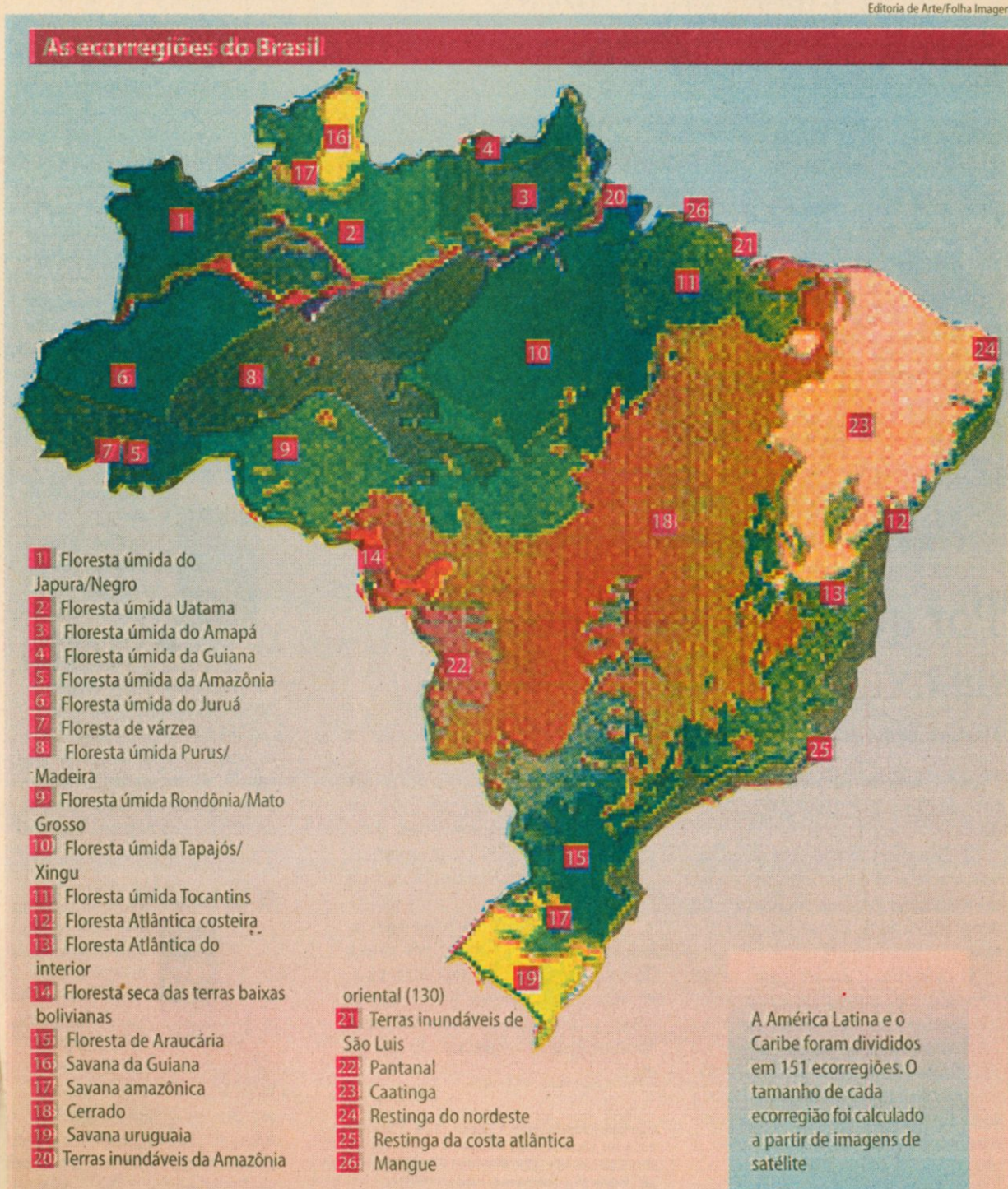
Para ele, o melhor seria fazer uma espécie de "medicina preventiva" e não "paleativa", como está sendo feito hoje em algumas áreas, como a Mata Atlântica. Segundo o pesquisador, políticas de conservação só funcionam em um contexto político. "Veja, nenhuma agência de financiamento deixa de considerar qual a capacidade de um país em absorver os

recursos para a conservação".

Ele cita o exemplo do Peru. "O Peru, que tem uma das regiões de maior biodiversidade do mundo —Madre de Dios—, deixou de receber financiamento por muito tempo por causa do Sendero Luminoso".

Cavalcanti acredita que a adoção de políticas de conservação devam ser traçadas pelo próprio país, que também deve definir quais as suas áreas prioritárias, embora documentos como esse sejam muito importantes.

"O documento está mais voltado à identificação de prioridades pelos órgãos multilaterais. É indispensável que a visão desse documento seja complementada por estratégias nacionais de conservação", conclui.



## População pode recriar biodiversidade

da Reportagem Local

Para o antropólogo Antonio Carlos Diegues, do Programa de Pesquisa e Conservação de Áreas Úmidas da USP, o estudo, que procurou determinar quais as áreas de prioridade da América Latina e Caribe, deixou de considerar as populações locais que têm conhecimento da biodiversidade de uma determinada região.

"No caso brasileiro, é importante considerar as populações altamente conhecedoras de biodiversidade, como populações indígenas, ribeirinhas e caiçaras", diz.

Segundo o cientista, que participou do encontro, em Miami (EUA), que definiu essas áreas, hoje a biodiversidade não é só um conceito das ciências naturais.

"Biodiversidade pode ser criada e recriada por populações. É sabido, por exemplo, que algumas populações indígenas concentram e recriam biodiversidade".

Segundo Diegues, é "claro" qualquer ação humana sobre uma região provoca um impacto.

"Mas muitas vezes não podemos analisar o impacto dentro da concepção que conhecemos, como uma grande alteração do meio biótico. Ao contrário, o 'impacto' pode ser muito salutar, como no caso de populações indígenas".

Segundo ele, provavelmente a configuração das áreas prioritárias de conservação mudaria se se considerasse a presença e a importância dessas populações.

